

FIGURAÇÃO E PROCESSO DE INDIVIDUALIZAÇÃO: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE JOVENS ADULTOS COM TDAH

FIGURATION AND THE PROCESS OF INDIVIDUALIZATION: THE PRODUCTION OF MEANING IN NARRATIVES OF LIFE EXPERIENCES OF YOUNG ADULTS WITH ADHD

Ilioni Augusta da Costa¹

Reginaldo Célio Sobrinho²

Alma de Los Angeles Cruz Juarez³

Resumo: A pesquisa insere-se no campo da investigação qualitativa, configurando-se como estudo de caso, do qual participam um rapaz e uma moça diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Objetiva compreender os sentidos que jovens adultos atribuem às suas experiências de vida e a si mesmos, enquanto indivíduos que vivenciam essa condição, considerando suas relações interpessoais em diferentes figurações: familiar, acadêmica, profissional e terapêutica. Os dados foram gerados por meio de narrativas de experiências de vida, recolhidos em mensagens escritas e áudios via WhatsApp, além de videoconferências. As abordagens foram orientadas por questões semiestruturadas, para oportunizar maior fluidez aos relatos. Na interpretação das narrativas de experiências de vida emergentes na conversa (Mishler, 1986; 1999; Butler, 2005; Linde, 1993), observamos as estruturas avaliativas (Labov; Waletzky, 1967), por meio das quais os sujeitos organizam essas experiências e revelam formas de coação externa de desempenho e autocontrole, internalizadas sob a forma de autocoação. Ancoramos a análise também nos conceitos eliasianos de figuração, interdependência (Elias, 1994a; 1994b), que nos permitiram compreender essas experiências como fenômenos não apenas individuais, mas como expressões de processos resultantes de inter-relações, pautadas em discursos institucionais e expectativas normativas. As análises demonstram o caráter performativo do narrar e a agentividade com que os sujeitos constroem processualmente sua individualização, resignificando sua condição. Com base nos conteúdos produzidos e analisados a partir de leitura crítica (Minayo, 2012), o estudo supre uma lacuna nas pesquisas sobre TDAH, ao discutir noções de normalidade, desvio e reconhecimento social.

¹ Doutora em Estudos da Linguagem. Professora do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). E-mail: ilioni@ifes.edu.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1800353439546137>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7087-4200>.

² Doutor em Educação. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e Diretor do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro do grupo de pesquisa “Políticas, Gestão e Inclusão Escolar: contextos e processos sociais (CNPq). E-mail: reginaldo.celio@ufes.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8290558218053006>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4209-2391>.

³ Doutora em Psicologia. Professora de Tempo Completo da Universidad Veracruzana (UV), México. E-mail: incluyente0709@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8291-3318>

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH); narrativas de experiências de vida; figuração; processo de individualização.

Abstract: This research is situated within the field of qualitative inquiry and is configured as a case study involving a young man and a young woman diagnosed with Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder (ADHD). Its objective is to understand the meanings that young adults attribute to their life experiences and to themselves as individuals living with this condition, considering their interpersonal relationships across different figurations: family, academic, professional, and therapeutic. Data were generated through narratives of life experiences, collected via written messages and audio recordings on WhatsApp, as well as through videoconferences. The interactions were guided by semi-structured questions in order to allow greater fluency in the accounts. In interpreting the narratives of life experiences that emerged in conversation (Mishler, 1986; 1999; Butler, 2005; Linde, 1993), we examined evaluative structures (Labov & Waletzky, 1967), through which the subjects organize these experiences and reveal forms of external coercion related to performance and self-control, internalized as self-coercion. The analysis is also grounded in Eliasian concepts of figuration and interdependence (Elias, 1994a; 1994b), which enabled us to understand these experiences not merely as individual phenomena, but as expressions of processes resulting from interrelations shaped by institutional discourses and normative expectations. The analyses demonstrate the performative character of narration and the agency with which the subjects processually construct their individualization, re-signifying their condition. Based on the contents produced and analyzed through critical reading (Minayo, 2012), the study fills a gap in ADHD research by discussing notions of normality, deviance, and social recognition.

Keywords: Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD); narratives of life experiences; figuration; individualization process.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa amplia estudo desenvolvido no curso de doutorado (2010–2014), no qual investigamos a negociação de identidades em consultas médicas pediátricas com crianças e adolescentes diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), em atendimentos de rotina conduzidos pela médica (Costa, 2014). O estudo discutiu as identidades projetadas e negociadas por crianças e adolescentes com diagnóstico de TDAH e por seus pais, para si e para o outro, com o propósito de compreender conflitos familiares decorrentes do transtorno.

Nesse evento interacional, marcado pela assimetria, embora haja alternância entre os turnos de fala, médica e mãe/pai alocam-nos mais vezes e por períodos mais longos do que crianças/adolescentes. Estes, na realidade, alocam poucos turnos de fala e, quando o

fazem, é em resposta a alguma solicitação da médica ou da(o) mãe/pai, para que relatem suas experiências em espaços figuracionais como familiar e escolar.

Naquela pesquisa, não nos detivemos na investigação das subjetividades produzidas pelas crianças e pelos adolescentes, a respeito de suas vivências enquanto indivíduos com a condição TDAH. Na análise dos dados, observamos a grande preocupação dos pais com o desenvolvimento acadêmico e com as relações interpessoais dos filhos, ambos marcados por frequentes tensões.

Essa constatação nos motivou, dez anos depois, a investigar como jovens adultos diagnosticados com TDAH avaliam a si mesmos e avaliam suas experiências escolares, familiares e profissionais, em narrativas emergentes em entrevista de pesquisa. Destacamos, nesta pesquisa, o modo como a internalização das coações sociais pelos participantes incide sobre seus processos de individualização e se manifesta nas avaliações construídas ao longo de suas narrativas.

Além desse interesse, este estudo tem por propósito contribuir para a compreensão do TDAH na vida adulta, visto que identificamos uma lacuna importante na literatura acerca do tema: são poucos os estudos sobre TDAH na vida adulta e mais escassos ainda os trabalhos que privilegiam a perspectiva desses sujeitos — compreendendo o TDAH não apenas como uma categoria clínica, mas como uma condição socialmente situada, que adquire significado no interior de diferentes figurações.

Para o desenvolvimento da pesquisa, adotamos a concepção de narrativa enquanto atividade de construção de sentidos, em consonância com autores que a entendem com essa envergadura (Mishler, 1986; 1999; Labov, 1987; Butler, 2005; Linde, 1993). As narrativas são analisadas também a partir dos postulados labovianos sobre sua estrutura, com atenção especial aos elementos avaliativos, que indicam a razão de serem contadas (Labov, 1997). Somam-se a essa perspectiva teórica os pressupostos eliasianos (1994a) de que os indivíduos estão interligados por relações de interdependência que se organizam em redes de configurações sociais mutáveis, compostas por vínculos, posições, dependências e equilíbrios de poder.

Ao focalizar os sentidos que esses sujeitos constroem sobre si e sobre suas vivências, a pesquisa desloca o olhar de visões estigmatizadas e estritamente medicalizantes, valoriza o discurso em primeira pessoa e situa as avaliações narrativas como produto de relações sociais, de discursos institucionais e de expectativas normativas, e não apenas como fenômeno psicológico individual. A pesquisa, nesse

sentido, amplia o conhecimento acadêmico nas ciências humanas e sociais e fortalece metodologias qualitativas de investigação do TDAH.

Discutimos, nas seções seguintes, a abordagem biomédica da condição TDAH, segundo manuais diagnósticos especializados; as noções de figuração, interdependência e processos de individualização; o aparato teórico que concebe as narrativas de experiências de vida como um modo de produzir sentidos para os acontecimentos e para si; a noção de atividade narrativa enquanto estrutura específica, dotada de lógica interna, com foco na avaliação; e a abordagem metodológica que orientou a geração dos dados.

A CONSTRUÇÃO BIOMÉDICA DO TDAH

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), cujo conceito evoluiu ao longo do tempo, desde descrições clínicas iniciais no século XIX até sua formalização em manuais diagnósticos contemporâneos, como o DSM-5 e a CID-11, é uma condição do neurodesenvolvimento observada tanto em crianças quanto em adultos e que, segundo a literatura, interfere no funcionamento social, acadêmico e ocupacional do indivíduo, especialmente em razão de sua tríade sintomática clássica: desatenção, hiperatividade e impulsividade (Barkley; Murphy, 2008). Seu estudo insere-se na epistemologia das neurociências e da psicopatologia do desenvolvimento, sendo amplamente investigado por meio de abordagens biomédicas e psicológicas.

Embora comportamentos típicos do TDAH possam também ser observados em pessoas sem o diagnóstico, como a tríade desatenção, hiperatividade e impulsividade, indivíduos com o transtorno manifestam, de forma sistemática, comprometimentos mais significativos. Tais comprometimentos decorrem, entre outros fatores, da dificuldade em manter o foco em atividades que exigem atenção sustentada, da frequência com que se esquecem de realizar tarefas ou as procrastinam — manifestações associadas à desatenção; da inquietação motora, da fala excessiva e da dificuldade em permanecer sentado — sintomas da hiperatividade; e da tomada de decisões precipitadas — característica da impulsividade (Andrade, 2003).

A tríade desatenção, hiperatividade e impulsividade, conforme sua predominância no comportamento do indivíduo, pode configurar diferentes subtipos do transtorno: desatento, hiperativo ou combinado. Acrescentam-se, ainda, comorbidades

frequentemente associadas ao TDAH, como o transtorno desafiador de oposição (TDO), o uso de substâncias psicoativas, o abuso de álcool, a depressão e a ansiedade, entre outras (Souza; Pinheiro, 2003), que, inscritas em contextos sociais marcados por expectativas morais de autocontrole, intensificam modos de avaliação moral e de estigmatização, os quais são internalizados pelos indivíduos e atravessam seu processo de individualização.

Nesse sentido, de acordo com Weibel et al. (2019), estudos de longo prazo que investigam o impacto do TDAH na vida dos indivíduos indicam que pessoas adultas diagnosticadas com essa condição, em relação à população em geral, apresentam nível de escolaridade mais baixo, maior propensão a comportamento antissocial, maior envolvimento em acidentes de trânsito, taxas mais elevadas de desemprego e maior instabilidade nas relações familiares. O TDAH, desse modo, impacta, a curto e longo prazo, a vida social dos indivíduos, gerando tensões nas interações interpessoais que se refletem nas relações de amizade, nos relacionamentos familiares e amorosos, na vida acadêmica e em situações vivenciadas no ambiente de trabalho, figurações centrais na produção de padrões avaliativos, nos quais se estabilizam critérios de sucesso, normalidade e competência.

Palmini (2024), ao discutir as manifestações do TDAH em adultos, articula os sintomas como uma “desatenção ao futuro”. No artigo *Attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD) in adults: a multilayered approach to a serious disorder of inattention to the future* (traduzido como *Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade em adultos: uma abordagem multicamadas de um problema sério de desatenção ao futuro*), o autor questiona: *What is expected of an adult?* (traduzido como *O que se espera de um adulto?*)

A questão proposta por Palmini diz respeito às expectativas sociais acerca do modo como as pessoas adultas devem gerir suas vidas, o que dialoga com os postulados eliasianos sobre as coações sociais que regulam aquilo que se legitima como comportamento socialmente aceito. O próprio Palmini responde à questão, ancorado em Barkley e Fisher (2008), afirmando que a adesão a princípios básicos da vida cotidiana reflete resultados que são verificados em um tempo futuro, sejam eles bem ou malsucedidos.

As dificuldades de autorregulação também têm sido investigadas sob a perspectiva biomédica. Pesquisas voltadas para o funcionamento do cérebro de pessoas com TDAH, por meio de exames de neuroimagem, demonstram haver uma alteração no funcionamento cerebral de indivíduos com o transtorno que afeta diretamente funções executivas, como planejar, organizar, monitorar e regular comportamentos. Assim, a

construção biomédica do TDAH mantém relação estreita com a interação indivíduo-sociedade, pois os déficits cognitivos associados ao transtorno repercutem em desafios para atender às normas sociais de controle e organização do comportamento.

Ainda que tais evidências sejam relevantes, as pesquisas biomédicas enfocam sobretudo os tratamentos medicamentoso e terapêutico. Esses estudos privilegiam explicações causais neurológicas, genéticas ou sociocognitivas, tratando os indivíduos como sujeitos portadores de uma patologia que deve ser tratada, um desvio em relação a padrões de funcionamento psicológico e comportamental considerados normativos. Essa abordagem desconsidera a perspectiva dos próprios sujeitos, deixando de explorar como percebem, interpretam e lidam com seus desafios cotidianos e com suas potencialidades, negligenciando a compreensão socio-subjetiva do TDAH, perspectiva assumida neste estudo.

Nas narrativas analisadas, os participantes expressam os modos como interpretam a si mesmos, seus desafios e suas conquistas, bem como as tensões sociais das quais são simultaneamente produto e produtores. As narrativas permitem, desse modo, compreender o indivíduo como uma construção relacional, na qual se equilibram tensões entre coação externa e autocoação, continuamente moldada pelas experiências de vida e pelos processos de reconhecimento, estigmatização e interdependência presentes nas figurações sociais.

FIGURAÇÃO, INTERDEPENDÊNCIA E CONSTRUÇÃO PROCESSUAL DA INDIVIDUALIZAÇÃO

Nesta seção, pautamo-nos nos postulados de Norbert Elias (1994a; 1994b), sociólogo alemão que, entre outros temas, discute o processo civilizador e argumenta que o que consideramos “civilizado” hoje pode ser visto como “incivil” em tempos posteriores, assim como práticas atualmente classificadas como incivilizadas podem ter sido socialmente legitimadas em contextos anteriores. Para o autor, a noção de civilidade não se reduz a um conjunto fixo de normas, mas refere-se a um processo relacional que envolve, de modo articulado, transformações nas estruturas sociais e nos padrões de personalidade, por meio de contínuos e graduais mecanismos de autocontrole e autocoação.

O estudioso sustenta que a compreensão do processo civilizador requer o entendimento do homem enquanto uma personalidade aberta, com menor ou maior grau

de autonomia, sempre orientada para outros homens e dependente deles. Elias argumenta que as pessoas são, em diferentes graus, interdependentes, constituindo redes de configurações (ou figurações) – que podem assumir a forma de grupos ou sociedades de diferentes tipos. De acordo com o pesquisador,

Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações. (Elias, 1994b, v. 1)

Elias, assim, discute algumas noções para explicar o processo histórico civilizador e de individualização, formulando noções como (con)figuração, redes de interdependência, coação e autocoação, as quais são mobilizadas neste estudo.

Em *A sociedade dos indivíduos* (1994a), o sociólogo discute a relação indivíduo–sociedade, compreendendo-a de forma processual e histórica, em oposição à ideia de que indivíduo e sociedade são entidades independentes. Na obra, o autor critica perspectivas opostas nas quais, de um lado, o indivíduo é concebido como algo isolado e singular e, de outro, a sociedade é entendida como uma mera aglomeração de indivíduos.

Em contrapartida, conforme as ideias eliasianas, os indivíduos se transformam em um ser adulto mais complexo na relação com outros seres humanos, processo em que “a criatura impulsiva e desamparada que vem ao mundo se transforma na pessoa psicologicamente desenvolvida que tem o caráter de um indivíduo e merece o nome de ser humano adulto.” (Elias, 1994a, p. 27). Desse modo, “a individualidade do adulto só pode ser entendida em termos das relações que lhe são outorgadas pelo destino e apenas em conexão com a estrutura da sociedade em que ele cresce” (idem, p. 31).

Ainda de acordo com o estudioso (idem, p. 79),

Rica ou ousada que seja a imaginação de um indivíduo, ele nunca pode afastar-se muito do padrão contemporâneo de pensamento e discurso. Está preso a esse padrão, nem que seja apenas pelos instrumentos linguísticos a seu dispor. Se os utilizar de um modo que se afaste demais do uso vigente, deixará de ser inteligível. Suas palavras perderão a função principal de instrumentos de comunicação entre as pessoas. O potencial de desenvolvimento delas pelo indivíduo pode ser considerável, mas é sempre limitado.

O sociólogo explica que os seres humanos são constituídos de uma ordem natural e de uma ordem social. A esta segunda ordem relaciona-se o controle do comportamento humano, que não é algo herdado, como nos animais, conforme sua natureza, mas produzido nas relações com outras pessoas. Fenômenos como a autorregulação, nessa

visada, são resultantes de mecanismos de coação social os quais constituem a formação da pessoa adulta. Para Elias,

Para se tornar psiquicamente adulto, o indivíduo humano, a criança, não pode prescindir da relação com seres mais velhos e mais poderosos. Sem a assimilação de modelos sociais previamente formados, de partes e produtos desses seres mais poderosos, e sem a moldagem de suas funções psíquicas que eles acarretam, a criança continua a ser, para repisar esse ponto, pouco mais que um animal. (idem, p. 31)

Corroborando essa premissa eliasiana, este estudo parte do pressuposto de que os participantes da pesquisa, jovens adultos com diagnóstico de TDAH, não são indivíduos isolados, autônomos. Esses indivíduos compartilham com outros modelos de comportamento estruturados nas diferentes configurações em que se interrelacionam, cujos valores morais permeiam expectativas sociais que legitimam ou estigmatizam ações, produzindo tensões entre as expectativas sociais de autocontrole, desempenho e normalização do comportamento e as formas singulares de funcionamento associadas ao TDAH.

NARRATIVAS COMO EXPEDIENTE PARA A PRODUÇÃO DE SENTIDOS DE EXPERIÊNCIAS E DE SUBJETIVIDADES

Na análise realizada neste estudo, observamos a elaboração das narrativas pelos participantes, com atenção especial aos elementos avaliativos que, conforme postulados labovianos, indicam a sua razão de ser— isto é, por que ela está sendo contada.

Labov (1972) define narrativa como “um método de recapitular experiências passadas pela correspondência de uma sequência verbal de orações com uma sequência de eventos que (infere-se) realmente ocorreram” (idem, p. 359-360). Para o autor, as orações narrativas são ordenadas em sequência temporal, e a inversão dessas orações implica alteração da interpretação semântica.

O linguista destaca, ainda, a existência de narrativas cujas estruturas são “mais plenamente desenvolvidas” (idem, p. 363), compostas por: *resumo*, que especifica o tema; *orientação*, com informações sobre participantes, local e tempo; *ação complicadora* ou *estória* propriamente dita; *avaliação*, na qual o narrador indica o ponto central da narrativa; *resultado ou resolução*, que informa como o evento se encerrou; e, por fim, a *coda*, que sinaliza a conclusão e reconecta narrador e ouvinte ao ponto de partida (idem, p. 365). Embora esse modelo enfatize aspectos estruturais, ele também permite observar

como o narrador organiza e interpreta a experiência vivida, ao selecioná-la, ordená-la, ressignificá-la e apresentá-la discursivamente.

Labov distingue dois tipos de avaliação: externa e encaixada. Na avaliação externa, há uma interrupção da narrativa, e o narrador expressa diretamente ao ouvinte seu ponto de vista sobre o fato narrado. Na avaliação encaixada, por sua vez, a avaliação é feita sem interromper o fluxo da estória, preservando sua continuidade dramática. Ao discutir o conceito de avaliação, Bastos (2005, p. 76) argumenta que ela contém “informação sobre a carga dramática ou o clima emocional da narrativa”, além de indicar seu ponto central. Assim, a avaliação constitui um espaço privilegiado para observar como o narrador atribui sentidos à experiência narrada e se posiciona afetiva e socialmente diante dela.

A narrativa, nessa perspectiva, deixa de ser compreendida apenas como um relato de eventos passados e passa a ser entendida como um processo interpretativo no qual a experiência não é simplesmente recuperada, mas reconstruída e avaliada na atividade de narrar. Ampliando a discussão, a pesquisadora estadunidense Charlotte Linde analisa o papel das narrativas na construção da identidade e na organização da memória. Linde defende que “para existir no mundo social, com uma confortável sensação de ser uma pessoa boa, socialmente adequada e estável, o indivíduo precisa ter uma história de vida coerente, aceitável e constantemente revisada” (Linde, 1993, p. 3). Para a autora, uma estória de vida não corresponde a uma mera “coleção de eventos” desordenados; ao contrário, “[...] deve ter uma ordem que tanto o falante quanto o destinatário assumem como significativa.” (Linde, 1993, p. 12).

Nessa mesma direção, Bauman (1986) discute a atividade de narrar e argumenta que, assim como toda atividade humana, as narrativas orais se caracterizam por terem forma, sentido e funções socialmente definidos e localmente situados, constituindo contextos significativos de ação, interpretação e avaliação. Também refletindo sobre o ato de narrar, Langellier (in Brockmeier; Carbaugh, 2001, p. 151) assevera que, do ponto de vista da performance e da performatividade, a análise narrativa envolve a interpretação de significados, considerando não apenas os aspectos semânticos, mas também os pragmáticos, investigando “[...] a luta por significados e as condições e consequências de se contar uma história de uma forma particular.”

A pesquisa, assim, lança luz às seguintes questões: (i) Como os jovens adultos diagnosticados com TDAH compreendem o impacto do diagnóstico médico na construção de seu processo de individualização e nas experiências de estigmatização

social que enfrentam? (ii) De que maneira as figurações contemporâneas – educacionais, profissionais e familiares - moldam os processos de autocoação e regulação emocional de indivíduos diagnosticados com TDAH? (iii) De que forma a compreensão eliasiana de interdependência entre indivíduo e sociedade contribui para a análise do processo de individualização dos sujeitos participantes da pesquisa?

ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA E APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de cunho qualitativo, que nos permite explorar como os participantes percebem e dão sentido a suas vivências cotidianas, respeitando as singularidades dos indivíduos e buscando entender os fenômenos do ponto de vista deles. Além disso, delineada como estudo de caso, investiga o TDAH, seu contexto e suas múltiplas dimensões, considerando fatores internos e externos que influenciam o fenômeno.

Nessa perspectiva, os dados foram gerados por meio de entrevista com questões semiestruturadas, que orientam os temas a serem discutidos, sem, no entanto, engessar a interação. Assim, a possibilidade de exploração de temas emergentes durante a conversa ganha maior flexibilidade e permite ao pesquisador aprofundar respostas, pedir exemplos ou esclarecer informações.

Neste estudo as questões propostas aos participantes para discussão foram: (a) Relate situações em que a condição de pessoa com TDAH marcou sua relação com as pessoas em sua família; (b) Conte como a escola aparece na sua vida, quais suas memórias de experiências no contexto escolar, seu desempenho e participação em sala de aula, sua relação com os professores e com os colegas; (c) De que modo a escola procedeu com relação ao seu comportamento e desempenho acadêmicos?; (e) Relate experiências que marcaram sua vida e que você julga pertinente narrar para a melhor compreensão do TDAH.

Elaboradas as questões-guia do estudo, passamos ao desafio de identificar participantes para a investigação. Nossa proposta inicial era trabalhar com participantes da pesquisa de doutorado, que já estariam com 20-27 anos, o que seria também bastante gratificante. No entanto, após tantos anos, não foi possível termos êxito total nesse

intento, conseguimos contatar apenas um jovem rapaz, que aceitou prontamente contribuir com a pesquisa. A outra participante estuda em curso de licenciatura na instituição em que atuamos. Desse modo, o estudo conta com a participação de duas pessoas, às quais chamaremos pelos pseudônimos Carlos e Samira, a fim de preservar sua identidade. Nas transcrições das entrevistas, também substituímos outros nomes que poderiam identificar pessoas ou lugares.

A conversa com os participantes teve início com a troca de mensagens via WhatsApp, ocasião em que apresentei a proposta do estudo e manifestei meu interesse em dialogar com eles sobre suas experiências de vida como pessoas com a condição TDAH. Considerando que se tratam de indivíduos com compromissos acadêmicos e/ou profissionais, as conversas ocorreram de acordo com a disponibilidade de cada um.

A análise das entrevistas foca nas narrativas emergentes na conversa, com destaque às avaliações subjetivas, com base nos postulados labovianos acerca de sua estrutura – resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda. As avaliações analisadas ocorrem tanto de forma explícita quanto implícita e revelam o significado social ou pessoal do relato, evidenciando o envolvimento do narrador.

As análises interpretativas ancoram-se, ainda, nos pressupostos eliasianos sobre a interdependência entre indivíduo e sociedade. Nesse sentido, o TDAH constitui uma condição dos participantes, mas não os define enquanto indivíduos, uma vez que o processo de individualização é compreendido como um construto de interrelações figuracionais entre sujeitos sociais.

Embora tenham sido adotadas metodologias distintas para a geração dos dados — no caso de Carlos, pela troca de mensagens no WhatsApp, e no de Samira por videoconferência, a interação entre pesquisadora e participantes foi bastante produtiva e gerou dados importantes para o estudo. Assim como ocorreu com Carlos, ficou acordado com Samira que manteríamos contato posterior, caso houvesse necessidade de esclarecimentos adicionais. Informamos que os encontros poderiam ocorrer virtualmente, em data e horário pré-definidos, e que seriam gravados para posterior análise e interpretação. Também foi esclarecido que as questões de pesquisa seriam semiestruturadas, garantindo orientação temática, mas que eles estariam livres para falar de suas experiências da forma que melhor lhes conviesse. Na sequência, são apresentados os dois participantes do estudo, conforme a ordem das conversas. Destacamos que algumas informações como idade e indicação de período na faculdade remetem à data das entrevistas.

Carlos tem 27 anos, cursa o segundo período do bacharelado em Educação Física, na modalidade a distância, e trabalha como gerente e instrutor em uma academia de treinamento físico. O jovem recebeu o diagnóstico de TDAH, subtipo combinado (hiperatividade e desatenção), aos 13 anos e, desde então, foi acompanhado por uma pediatra especialista no transtorno, que o atendeu até aproximadamente os 18 anos. Carlos relatou não realizar acompanhamento psicoterapêutico, por falta de tempo e de condições financeiras, e destacou que tem sido seu próprio terapeuta. O segundo participante do estudo (referido no masculino, em alinhamento com sua preferência), Samira, tem 20 anos e está no quinto período do curso de licenciatura em Letras, em uma instituição federal. O jovem foi diagnosticado com TDAH, subtipo desatento, aos 19 anos, em consulta com um psiquiatra, com quem realiza acompanhamento e tratamento medicamentoso desde então.

Ambos os participantes do estudo narraram suas experiências em diferentes estágios de suas vidas, destacando vivências que os motivaram a compreender melhor o TDAH e suas seus modos de agir em diferentes figurações sociais.

NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DE VIDA: PROCESSOS DE INDIVIDUALIZAÇÃO

As narrativas de vida que compõem o corpus para análise representam momentos significativos que exteriorizam julgamentos, emoções e posicionamentos dos sujeitos sobre si mesmos e suas experiências. Na análise interpretativa dos dados, observamos que os pontos avaliativos expressam o significado social, emocional ou moral dos eventos narrados, conforme postulados labovianos, ao mesmo tempo em que podem ser compreendidos, à luz de Norbert Elias (1994a), como formas discursivas situadas em processos históricos de socialização e em figurações específicas, nas quais os sujeitos mobilizam esquemas de autocoação e economias afetivas socialmente aprendidas para dar sentido às suas experiências.

Os títulos dos excertos funcionam como sínteses avaliativas das narrativas e como modos de posicionamento figuracional do narrador, articulando significação experiencial e inserção relacional.

Entrevista com Carlos – “O TDAH tem dessas”

1	é::: então né o tda o diagnóstico de tdah ele me fez entender muita coisa
----------	---

2	tá ligada? é:: apesar da:: da doutora (...) que me:: me deu o diagnóstico ela
3	não ter me explicado o que é o tdah eu só fui entender o tdah e:: como o tdah
4	funciona quando eu fui pesquisar sobre o tdah entender o que era a falta de
5	dopamina entendeu? a:: o déficit de produção de dopamina tudo isso e como
6	isso afetava a minha vida mas é:: assim é uma parada pô complicada porque
7	ninguém aceita seu jeito de fazer as coisas e quem é tdah eu gosto de falar que
8	quem é tdah tem sempre um método mais rápido mais fácil e é:: é:: curto e
9	eficiente pra fazer qualquer tarefa entendeu? por exemplo on_ meu pai pediu
10	pra eu cortar uns galhos que tava alto na árvore aí ele é:: eu peguei a escada
11	para fazer só que eu não tava me sentindo seguro na escada porque a escada
12	tava bamba e:: pô aí tinha galho que eu não alcançava da escada eu tinha que
13	ficar trocando a escada de lugar que eu peguei e fiz subi na árvore
14	mais fácil entendeu? o tdah tem dessas

Tabela 1 – Entrevista com Carlos

No trecho transcrito da narrativa de Carlos (Tabela 1), o jovem inicia sua fala apresentando a ideia central de sua estória: o diagnóstico de TDAH possibilitou-lhe compreender diversos aspectos de sua trajetória de vida (linha 1). Esse entendimento, contudo, não é atribuído à mediação institucional da médica que lhe forneceu o diagnóstico (linhas 2 e 3), mas à sua própria iniciativa de buscar informações, como se observa em *eu só fui entender o TDAH e como o TDAH funciona quando eu fui pesquisar* (linhas 3–4). Tal posicionamento projeta uma autoimagem de sujeito ativo e autônomo, que assume para si a responsabilidade pela construção de sentidos acerca de sua condição. Sob uma perspectiva eliasiana, essa autocompreensão não se constitui de modo isolado, mas emerge das relações de interdependência em que Carlos está inserido, particularmente da figuração médico-paciente, na qual a assimetria de poder e a limitação da explicação oferecida pela médica o levam a buscar outros recursos interpretativos.

Antes de narrar um episódio de vida propriamente dito, Carlos produz avaliações que antecipam o sentido da narrativa, ao comentar como o TDAH influencia sua vida cotidiana e como os outros reagem à sua forma de agir. A avaliação manifesta-se na adjetivação da condição — *é uma parada pô complicada* (linha 6) — e na referência à reação social — *ninguém aceita seu jeito de fazer as coisas* (linha 7). Essas formulações evidenciam não apenas frustração individual, mas também os efeitos das pressões normativas que atravessam as figurações sociais das quais participa. Do ponto de vista eliasiano, tais avaliações revelam tensões próprias das redes de interdependência, nas quais determinados modos de agir são legitimados, enquanto outros são percebidos como inadequados, produzindo sentimentos de desajuste e necessidade de justificação.

Na sequência, Carlos descreve um episódio envolvendo uma interação familiar, ao relatar o pedido do pai para que cortasse galhos de uma árvore. Trata-se de uma figuração marcada por relações hierárquicas e expectativas de obediência e competência. Ao optar por subir diretamente na árvore, em vez de utilizar a escada conforme sugerido pelo pai, Carlos apresenta sua escolha como mais segura e eficiente, reinterpretando a situação a partir de seus próprios critérios. Essa ação pode ser compreendida como uma negociação prática dentro da figuração familiar, na qual o jovem redefine sua posição ao afirmar sua capacidade de decisão e eficácia, ainda que em desacordo com a expectativa inicial do pai.

Ao longo da narrativa, as avaliações são explícitas e recorrentes, revelando uma autoimagem positiva associada à ideia de eficiência e rapidez, características que Carlos vincula diretamente ao TDAH: *quem é TDAH tem sempre um método mais rápido, mais fácil e curto e eficiente pra fazer qualquer tarefa* (linhas 7–9). Sob a ótica da sociologia figuracional, essa generalização pode ser interpretada como um movimento de reconfiguração identitária, no qual o narrador ressignifica uma condição frequentemente estigmatizada, transformando-a em recurso adaptativo frente às exigências das figurações sociais contemporâneas, especialmente aquelas orientadas pelo desempenho.

Analisando as avaliações sob a perspectiva de Labov, identificamos diferentes formas de manifestação: avaliações externas, com julgamento direto do narrador, como em *é uma parada pô complicada e ninguém aceita seu jeito de fazer as coisas* (linhas 6–7); avaliações encaixadas, integradas à sequência dos eventos, como em *eu peguei e fiz, subi na árvore, mais fácil* (linhas 13–14); marcadores linguísticos, como *entendeu?* (linha 2), *tá ligada?* (linha 5) e a generalização *quem é TDAH tem sempre um método mais rápido, mais fácil* (linha 8). Esses recursos avaliativos não apenas estruturam a narrativa, mas também operam como estratégias interacionais por meio das quais o narrador busca a adesão do ouvinte às suas interpretações, convocando-o a compartilhar seu ponto de vista e a validar seus juízos. Desse modo, as avaliações funcionam ainda como indicadores da internalização de expectativas sociais, revelando como Carlos se posiciona afetiva e moralmente diante das experiências de aceitação e rejeição vividas em suas interdependências cotidianas.

A coda da narrativa se realiza na expressão *o TDAH tem dessas*, por meio da qual Carlos extrapola sua experiência individual e a insere em um padrão coletivo. Essa generalização consolida uma identidade compartilhada, permitindo compreender o

TDAH não apenas como diagnóstico clínico, mas como experiência socialmente situada. Do ponto de vista eliasiano, esse movimento evidencia como as autoavaliações individuais estão imbricadas em processos mais amplos de reconhecimento e estigmatização que atravessam as figurações sociais.

A narrativa de Carlos, dessa forma, revela que o TDAH influencia não apenas suas experiências práticas, mas também os modos pelos quais ele age diante do mundo e interpreta a si mesmo. As avaliações narrativas tornam visíveis as relações de interdependência que estruturam suas vivências, mostrando que a produção de sentidos sobre o transtorno e sobre si ocorre no entrelaçamento entre subjetividade, relações sociais e expectativas normativas.

Prosseguindo com a análise das entrevistas, transcrevemos excertos da conversa com Samira. Destacamos, para interpretação o momento em que o jovem introduz sua narrativa falando um pouco sobre sua criação e educação, tratando, em seguida, de seu desempenho acadêmico.

Entrevista com Samira – “A minha jornada de vida é muito complexa”

1	Então, a minha jornada de vida é muito complexa e por isso o diagnóstico
2	veio tão tardio. Mas atualmente eu moro em Caramuru e eu moro sozinho
3	Eu morava com os meus avós, morei com a minha avó a maior parte da minha
4	vida. Então, em questão de supervisão acadêmica e pessoal, era muito mais
5	complicado, porque a minha avó, por ser muito mais de idade, ela não tinha
6	um reconhecimento que pessoas mais novas costumam ter, pessoas
7	estudadas, para falar, olha, eu acho que você está tendo uma dificuldade
8	nesse ponto, naquele ponto. E como eu não cresci com os meus pais, não
9	fui criado pelos meus pais, então eu sempre tive esse distanciamento familiar
10	também, de não ter ninguém para me orientar, para me dizer exatamente
11	como deveria ser a minha jornada acadêmica. Então, eu sempre tive muita
12	dificuldade na escola com concentração. Eu nunca fiquei reprovado, nunca
13	passei nada disso, mas eu tinha muita dificuldade em me concentrar nas
14	aulas. E eu nunca fui uma pessoa muito hiperativa, de ficar pulando, me
15	mexendo o tempo todo, precisando estar em movimento. Mas a minha mente
16	sempre esteve trabalhando constantemente. Então, eu acho que, por eu ter
17	recebido uma criação também, que é muito destinada às mulheres
18	comumente, né? De você tem que se comportar, você tem que ser caprichosa,
19	você tem que fazer desse jeito. Acabou que eu desenvolvi um masking, que
20	foi o que eu conversei com a neuropsicóloga, que é justamente mascarar
21	características relativas a um transtorno. Então, as pessoas ao redor têm mais
22	dificuldade para identificar isso, justamente porque você não demonstra muito.

Tabela 2 – Entrevista com Samira

No relato acima, ocorrido logo no início da conversa com Samira, o jovem inicia sua fala apresentando um resumo da história que irá desenvolver e mobilizando uma forte carga avaliativa que, nos termos labovianos, antecipa o sentido global da narrativa e justifica o diagnóstico tardio de TDAH. Ao afirmar *a minha jornada de vida é muito complexa e por isso o diagnóstico veio tão tardio* (linhas 1–2), Samira não apenas atribui relevância ao que será narrado, mas também produz uma interpretação retrospectiva de sua trajetória. Tal avaliação pode ser compreendida como um esforço de reconstrução narrativa do self, no qual o narrador procura reinscrever sua experiência individual em um processo social mais amplo, marcado por relações de interdependência frágeis e assimétricas. A escolha do intensificador em *muito complexa* não apenas acentua a avaliação, mas sinaliza o modo como Samira organiza afetivamente sua memória, atribuindo às experiências vividas um alto grau de dificuldade e revelando sensação de desamparo, justificado pelo atraso no reconhecimento institucional de suas dificuldades.

Em seguida, ao situar-se no tempo e no espaço em *atualmente eu moro em Caramuru e eu moro sozinho* (linha 2), Samira fornece a orientação da narrativa, em um trecho predominantemente descritivo, mas atravessado por avaliações que ganham sentido quando consideradas à luz das figurações sociais em que esteve inserido. Ao afirmar que a criação pela avó tornava a supervisão acadêmica e pessoal *muito mais complicada* (linhas 4–5), o narrador produz uma avaliação que, além de justificar dificuldades individuais, aponta para limites estruturais das redes de cuidado disponíveis. Trata-se, em termos eliasianos, de uma figuração familiar marcada por interdependências geracionais, nas quais a avó, devido à idade e à posição social, não dispunha dos recursos necessários para identificar e nomear dificuldades de aprendizagem e atenção.

Essa avaliação é reforçada quando o jovem contrapõe a avó a *pessoas mais novas, pessoas estudadas* (linhas 5–6), evidenciando um julgamento negativo das condições sociais de sua formação. Tal contraste revela não apenas uma percepção individual, mas uma internalização de hierarquias de autoridade e saber acadêmico, nas quais o conhecimento especializado aparece como critério legítimo de reconhecimento. Esse movimento evidencia como os sujeitos incorporam, em seus esquemas de percepção, valores socialmente dominantes de adequação ou inadequação.

Outros momentos avaliativos emergem quando Samira se refere ao *sempre* presente distanciamento familiar (linhas 9–10), seguido da afirmação *não ter ninguém*

para me orientar (linha 10). Essa formulação não apenas expressa uma vivência de abandono, como também pode ser compreendida como a experiência de uma socialização tensionada, na qual os mecanismos de orientação, controle e transmissão de normas se mostram frágeis. A ausência de figuras orientadoras implica que processos de autocoação precisaram ser desenvolvidos, em certa medida, solitariamente.

A oposição reiterada entre *sempre* e *nunca* reaparece quando Samira aborda sua trajetória escolar: *eu sempre tive muita dificuldade na escola com concentração* (linhas 11–12) versus *eu nunca fiquei reprovado* (linha 12). Essa avaliação por oposição mostra um aspecto central da narrativa: embora tenha conseguido se manter dentro dos parâmetros formais de sucesso escolar, o custo subjetivo desse percurso foi elevado. Nesse sentido, essa tensão, conforme postulados eliasianos, pode ser interpretada como resultado de um ajuste contínuo às exigências institucionais, no qual o sujeito internaliza normas de bom desempenho acadêmico.

Assim, não se observa em sua fala a celebração de um sucesso, mas uma problematização que orienta o ouvinte para a compreensão de que a ausência de reprovação não equivale à ausência de sofrimento, esforço ou obstáculos significativos. A seleção do advérbio *nunca* funciona como intensificador avaliativo e confere caráter categórico à afirmação, sinalizando a relevância do enunciado para a construção da identidade narrativa do entrevistado. A afirmação sintetiza, simultaneamente, uma avaliação narrativa e um posicionamento social, em que se articulam critérios institucionais de sucesso e processos subjetivos de regulação e autointerpretação.

Na sequência, ao se descrever em *eu nunca fui uma pessoa muito hiperativa* (linha 14) e *a minha mente sempre esteve trabalhando constantemente* (linhas 15–16), o jovem mais uma vez revela uma autoavaliação que desafia estereótipos dominantes sobre o TDAH. Esse movimento narrativo evidencia uma tentativa de reposicionamento, por meio da qual o narrador redefine sua experiência em termos socialmente mais legítimos, reinterpretando modos de funcionamento.

Observa-se nessa passagem o uso cumulativo de dois advérbios de frequência e duração — *sempre* e *constantemente*, duplicação que produz um efeito de reforço semântico, intensificando a avaliação e enfatizando a persistência do funcionamento mental descrito. A escolha do verbo na forma progressiva (*esteve trabalhando*) também

contribui para a construção de um aspecto durativo, sugerindo continuidade ao longo do tempo e não um estado episódico ou circunstancial.

Esse processo autointerpretativo se intensifica quando Samira articula sua experiência às normas de gênero, ao afirmar que recebeu uma criação *destinada às mulheres* e que isso o levou ao desenvolvimento de estratégias de *masking* (linhas 16–19). A referência às exigências de comportamento, capricho e contenção, revela a internalização de padrões normativos socialmente específicos na educação de mulheres. O *masking* pode ser compreendido como uma estratégia de ajustamento figuracional, como mecanismo de autocoção, pela qual o sujeito regula a expressão de impulsos e dificuldades para manter-se funcional dentro de determinadas configurações.

Ao articular essa dimensão avaliativa com a sociologia processual de Norbert Elias, torna-se possível compreender que tais avaliações não são meramente individuais, mas se enraízam em processos sociais de longa duração, nos quais normas, afetos, mecanismos de autocoção e relações de poder moldam as formas pelas quais os sujeitos narram, interpretam e atribuem sentido às suas experiências.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa evidencia a relevância social de compreender as autoavaliações de jovens adultos com diagnóstico de TDAH não como expressões estritamente subjetivas, mas como produções situadas em processos sociais mais amplos, atravessados por normas, expectativas e relações de interdependência. Ancorado nos estudos sobre narrativa de vida e avaliação narrativa, em articulação com a sociologia processual de Norbert Elias, o estudo demonstra que as experiências relatadas pelos participantes revelam a incidência de estruturas sociais que regulam concepções de desempenho, adequação e sucesso na vida adulta.

As narrativas analisadas indicam que as exigências contemporâneas de produtividade, autonomia e autocontrole — particularmente nas figurações familiares, educacionais e profissionais — produzem economias afetivas marcadas por sentimentos de inadequação, culpa e fracasso, sobretudo entre sujeitos cujas disposições não se ajustam plenamente aos padrões socialmente legitimados. Tais experiências mostram como normas sociais são progressivamente internalizadas sob a forma de autocoção, configurando modos específicos de relação consigo e com os outros.

As trajetórias de Carlos e Samira evidenciam, contudo, que esse processo não ocorre de forma passiva. Ambos reconhecem dificuldades associadas ao diagnóstico, mas também constroem autoavaliações que expressam agência, reflexividade e capacidade de ressignificação da própria experiência. Carlos opera uma reversão do estigma ao transformar aquilo que poderia ser interpretado como inadequação em estratégia legítima de ação, enquanto Samira se posiciona como sujeito ativo na busca por compreensão de si, reinterpretando suas vivências à luz de um processo consciente de autocompreensão. Esses movimentos indicam que a individualização se produz em tensão permanente entre coações sociais e possibilidades de elaboração reflexiva da experiência.

Os dados sugerem ainda que a associação frequente entre TDAH e baixa autoestima, recorrente na literatura, não se confirma necessariamente na vida adulta, sobretudo quando os sujeitos passam a compreender o diagnóstico e a reinterpretar suas trajetórias. Nesse sentido, comportamentos socialmente avaliados como desvios deixam de ser compreendidos apenas como falhas individuais e passam a ser elaborados como desafios passíveis de manejo, revelando formas mais estáveis de autorregulação e reposicionamento nas redes de interdependência.

Por fim, as análises reforçam que o valor da narrativa não reside apenas na rememoração de acontecimentos, mas em sua dimensão performativa: ao narrar, os sujeitos organizam experiências, constroem identidades, legitimam posicionamentos e produzem sentidos sobre si e sobre o mundo social. A narrativa emerge, assim, como prática constitutiva da subjetividade e como espaço privilegiado para observar os modos pelos quais indivíduo e sociedade se produzem mutuamente ao longo dos processos de individualização.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ênio Roberto. “Quadro clínico do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade”. In: ROHDE, Luís Augusto; MATTOS, Paulo (Orgs.). *Princípios e práticas em transtorno de déficit de atenção/hiperatividade*. Porto Alegre: Artmed, 2003, p. 75-83.
- BARKLEY, Russell A.; MURPHY, Kevin R. *Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: exercícios clínicos*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BAUMAN, Richard. *Story, performance, and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

- BUTLER, Judith. *Giving an account of oneself*. New York: Fordham University Press, 2005.
- COSTA, Ilioni Augusta da. *A consulta pediátrica de pacientes com TDAH: a negociação de identidades em situação de conflito*. Tese (Doutorado em Linguagens) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994a [1987].
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994b [1939].
- LABOV, W.; WALETZKY, J. “Narrative Analysis: oral versions of personal experience”. In: HELM, J. (Org.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967, p. 12-44.
- LABOV, William. “Some Further Steps in Narrative Analysis”. *Journal of Narrative and Life History*, v. 7, n. 1-4, 1987, p. 395-415.
- LABOV, William. “The Transformation of Experience in Narrative Syntax”. In: LABOV, William. *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972, p. 354-396.
- LINDE, Charlotte. *Life stories: the creation of coherence*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1993.
- LINDE, Charlotte. “Narrative and Social Tacit Knowledge”. *Journal of Knowledge Management*, v. 5, n. 2, 2001, p. 160-170.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- MISHLER, Elliot G. *Research Interviewing: Context and Narrative*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1986.
- MISHLER, Elliot G. *Storylines: craftartists’ narratives of identity*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.
- OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. “Figuração, interdependência e indivíduo-sociedade no pensamento de Norbert Elias”. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, Naviraí, v. 8, n. 17, 2021, p. 75-93.
- PALMINI, André. “Attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD) in adults: a multilayered approach to a serious disorder of inattention to the future”. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 82, n. 7, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1055/s-0044-1791513>.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Mentes inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- SOUZA, A.; PINHEIRO, B. “Co-morbidades”. In: ROHDE, L.; MATTOS, P.; et al. (Orgs.). *Princípios e práticas em TDAH: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- VON BOROWSKI, Silvia Batista; RIZZATTI, Letícia da Silva; LOPES, Fernanda Machado. “Qualidade de vida em adultos com transtorno déficit de atenção e hiperatividade”. *PsicolArgum.*, vol. 41, n. 115, out./dez., 2023. DOI: <https://doi.org/10.7213/psicolargum.41.115.AO03>.

WEIBEL, Sébastien et al. “Practical considerations for the evaluation and management of Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) in adults”. *Journal of Psychiatric Research*, v. 121, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2019.08.012>.